

Coletivo Transverso: Expressão Artística e Cultura Urbana¹

Leslye Revely dos Santos ARGUELLO²

Universidade Presbiteriana Mackenzie e FECAP – Fundação Escola de Comércio
Álvares Penteado – São Paulo - SP

RESUMO

Este artigo busca analisar a relação entre coletivos artísticos e cultura urbana. A ideia central é propor uma discussão entre arte e os espaços públicos e marginalizados das narrativas das cidades. Para isso, as obras do coletivo Transverso, de Brasília, serão descritas para exemplificar interações, participação e a construção coletiva. As contribuições teóricas de Milton Santos (2006) e Bell Hooks (1994/1995) fornecem uma base de conceitos para entendermos essa relação complexa na compreensão entre arte e sociedade, considerando as diversas dinâmicas, desigualdades sociais, culturais e políticas na cidade contemporânea. A arte como condutora e estimuladores de debate no ambiente público considerando os lambe-lambes e cartazes principalmente do coletivo.

PALAVRAS-CHAVES: cultura urbana; coletivos artístico; Coletivo Transverso; artes visuais

Os coletivos de arte e a cultura urbana

A pesquisa foi iniciada em 2020 com um mapeamento de coletivos artísticos visuais latino-americanos para tese de doutorado defendida, pela autora deste texto, em agosto de 2022. Com uma cartografia apresentada na defesa, foram encontrados cerca de

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – 13. GP Comunicação, Tecnicidades e Culturas Urbanas do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Doutora em Educação, Artes e História da Cultura pelo Mackenzie; Mestre em Artes Cênicas pelas UNESP e Graduada em Publicidade e Propaganda pela FECAP. Professora e Pesquisadora em Artes, Criatividade, Teoria da Comunicação, Cultura e Expressão Oral e Corporal. Email: leslye.revely@gmail.com

150 coletivos³ que estão catalogados e documentados em pesquisa. A partir do mapeamento, cerca de 30 foram selecionados e o critério principal foi a relação de obra coletiva apresentada em contextos urbanos, a participação direta do público e as temáticas que envolvem a cultura latino americana. A partir dessas características foi feito contato para uma entrevista, onde 12 coletivos aceitaram participar da pesquisa e entrevista e, desses, 8 foram analisados na pesquisa de doutorado em profundidade⁴. Dos que ficaram de fora da tese, com as outras entrevistas realizadas, apresento esse artigo com a entrevista do Coletivo Transverso realizada com o artista Cauê Maia dando continuidade a uma pesquisa que tem muitos desdobramentos. De maneira síncrona num formato online, o artista respondeu perguntas relacionadas a seu processo criativo e a relação das obras com a cidade.

As criações coletivas, sobretudo em artes visuais estão expandidas em muitos campos de trabalho: artesanatos, ateliês, laboratórios, residências, ruas, escolas, entre outros, o motivo implica entender que nesses nesses lugares existe uma incidência de encontros entre artistas criadores, públicos e diversos relacionamentos.

No entanto, conforme constatação em pesquisa de doutorado realizada, a existência de coletivos com uma posição crítica e assumida, com a escolha de um nome representativo e em resposta à avalanche individualista dos sistemas econômicos é algo latente do século XX em diante. Antes disso, durante os séculos XVIII e XIX, com a modificação social, com o capitalismo, o urbanismo, os sistemas de trabalho e mercado, os artistas europeus saíram gradativamente de temas religiosos, da Corte, da aristocracia, e passaram a tratar de temas ligados à nova burguesia. Os problemas do capitalismo também começaram a explodir, sobretudo no século XX, com guerras e desigualdades sociais exorbitantes. Assim, migrações, revoluções culturais, problemas econômicos, políticos e sociais se colocaram como temas de algumas criações do fazer artístico e atualmente são pautas constantes nas expressividades artísticas, por uma arte conectada ao seu contexto social.

³ Pode ser consultado no link do Padlet. Disponível em <https://padlet.com/leslyerevely/coletivos-de-arte-latino-americanos-h3of2eu1pmdbzm0c> Acesso em 10 jul 2023.

⁴ Pesquisa de doutorado defendida em Ago 2022. Disponível em <https://dspace.mackenzie.br/handle/10899/30621> Acesso em 10 jul 2023.

O que então caracteriza uma criação coletiva? Um dos fatos é que seria inútil distinguir as contribuições pessoais de cada envolvido, e isso é colocado em questão, pois a grandeza da invenção está justamente nas ideias colocadas em conjunto.

Desde o grupo dos dadaístas, com seus manifestos, o Internacional Situacionista, com suas publicações, até os Fluxus, com seus manuais, e os Neoconcretos, com suas cartas, entre tantos outros, constrói-se um obras em coletivo. No qual os “Nós” são os encontros, motivações, junções, são as arestas deixadas pela criação com a apropriação dos públicos. Esses coletivos, em sua maioria, não só optam por criarem em grupo mas também possuem a preocupação em compartilhar, tornar público e ainda colocar as pessoas como participantes ativos do processo e da obra em si.

Milton Santos conceituou o termo Geografia Nova como uma construção social que resulta nas interações entre natureza e sociedade. Porém, nessa construção existem relações de poder, o espaço vivido, a desigualdade social e a homogeneização cultural. As obras de arte desses coletivos possuem essa percepção de arte como engajadora e estimuladora dessas novas construções sociais onde artistas e participantes no geral consideram nas suas criações todos os problemas e características da cultura urbana.

O fato da escolha e valorização dos coletivos latino americanos dialoga com Bell Hook na crítica de um olhar não colonizador, na valorização da autorrepresentação sobretudo nas comunidades marginalizadas, na interseccionalidade (conexões entre gênero, classe e formas de opressão), assim a arte pode, segundo a autora, desafiar normas que dominam o sistema das cidades oferecendo uma plataforma para mudança social. A arte com a participação do público sugere, provoca e produz que esses artistas dos Coletivos considerem o diálogo e a colaboração na criação artística em coletivo, como estímulo para empoderar indivíduos e vozes diversas.

O Coletivo Transverso

O Coletivo Transverso, criado em 2011, com os artistas Cauê Maia, Patrícia Bagniewisk, Patrícia Del Rey, Rebeca Damian, publicou um livro em 2018 que contém textos, fotos e reflexões sobre suas obras. Eles direcionam sua arte pública nas cidades para os chamados "Passantes", aquele que passa, desavisado pelas ruas e no meio do seu caminho vê uma intervenção artística, que apesar de atravessar sua percepção individual,

ele sabe que a arte também está ali para todos, em coletivo. A expressão vem como uma ruptura no seu tempo cotidiano, mas dialoga com a sua rotina, para, nas fissuras do pensamento anestesiado e racional, oferecer uma dose de sensibilidade, reflexão existencial ou até mesmo um humor necessário. Entre as frases espalhadas em lambe-lambes pelo coletivo estão: "Em caso de dor, dance"; "Sou sua pessoa amada por três dias"; "A vida é um emaranhado de nós"; "Não fosse o amanhã que dia agitado hoje seria"; "Abra espaço para que borboletas possam voar sobre o concreto" (MAIA, et al., 2018). As obras do coletivo são permeadas pela palavra, design gráfico, poesia, desenho, stencil, objetos, versos livres que são as formas de expressão desses artistas, além disso, promovem oficinas de construção e provocação de obras de arte junto com o público.

O Coletivo Transverso aposta na poesia e na imagem como dispositivos de comunicação com o outro que é, concomitantemente, ausente, mas parte de sua alteridade criadora. As rotas estão traçadas para esse outro, leitor/vedor, colocado em situação de partícipe dessa ação poética e de intervenção urbana, e capaz de contribuir para a partilha social e estética. A ação se desdobra como um convite para a aproximação, para um apaixonar-se por si próprio e para causas que são partilhadas no coletivo e quem sabe, a partir do insight do encontro, subverter-se. (AZAMBUJA, Renata, p.12 In MAIA, 2018).

Por exemplo, a obra Bazuca Poética, uma metralhadora de poemas, frases ou palavras. O coletivo ensina a produzir um projetor com materiais acessíveis e baratos para livre expressão do público. Um objeto feito com gambiarras de forma analógica, as pessoas podem construir sua "arma" de expressão poética na cidade. A autonomia da criação proporciona deslocamentos pelo contexto urbano sem precisar de uma fonte de energia, pois além de tudo é leve, portátil e você pode deixar sua mensagem sem riscos materiais, pois trata-se de uma transmissão com luz, assim pode usar em monumentos históricos, arquiteturas institucionais e qualquer lugar da cidade combatendo estruturas hegemônicas, sólidas e fixas.⁵ Entre esse objetos e outras obras de arte comentadas no artigo, é possível perceber a interação do público e os desdobramentos de apropriação e expressão artística por parte dos participantes como estímulo ao empoderamento do Faça Você Mesmo e a questão da identidade ao fazer com as próprias mãos e produzir sentido através da ação artística em coletivo.⁶

⁵ Disponível em <https://www.facebook.com/watch/?v=1657824677636814> Acesso em 10 jul 2023.

⁶ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=AX-neDNAnb4> Acesso em 10 jul 2023.

Na Figura 1 podemos observar o público utilizando os objetos da Brazuca Poética no espaço público comprovando a utilidade da obra para que as pessoas possam usufruir de uma ferramenta de expressão, produzir seu próprio conteúdo e ter autonomia para projetar em qualquer espaço que deseje conforme seus questionamentos, poéticas e decisões como cidadão expressivo e se apropriando dos espaços da cidade de forma artística e interativa.

Figura 1 - Imagens da Obra Brazuca Poética



Fonte: MAIA, 2018

O Coletivo de Brasília com seus poemas, erros gráficos, embaralhamentos de sentidos, relações gráficas e poéticas presenteiam a cidade com imagens e textos fora da lógica de tempo do trabalho promovendo novos espaços e possibilidades da visão da cidade. O poema que des-estetiza, des-insensibiliza, des-automatiza como um evento do

acaso, da surpresa que transformam-se em objetos de potência poética juntando discurso e forma.

A autora Bell Hooks advoga por uma análise crítica que considera simultaneamente as interconexões de raça, gênero e classe social que devem ser consideradas em qualquer estudo sociológico e cultural. Ela desafia a tendência de separar essas categorias e promove uma visão mais holística da experiência humana, que é fundamental para sua compreensão da arte de rua e da cultura urbana. Para ela, a arte de rua funciona como uma forma de resistência e expressão para comunidades historicamente marginalizadas. As expressões artísticas nesse contexto surgem como uma resposta à opressão, permitindo que grupos excluídos reivindiquem espaços urbanos, muitas vezes hostis, para fins de expressão e identidade. Hooks destaca que a arte de rua oferece uma plataforma para contestar as narrativas dominantes e permite que as vozes subalternas sejam ouvidas de maneira poderosa.

Figura 2 - Imagem de Muro



Fonte: MAIA, 2018

Na Figura 2 observamos uma imagem de uma criança negra em tamanho maior que o texto acompanhado da frase: Aqui caberia um poema. Um texto aberto para que o público complete na sua imaginação e para refletir lugares esquecidos, abandonados, vazios de sentido para lugares de reflexão racial, política e crítica.

Bell Hooks também utiliza a cultura urbana como uma lente de análise para compreender as complexidades das dinâmicas urbanas contemporâneas. Ela examina como a cultura pop e as expressões artísticas emergem dentro dos espaços urbanos e influenciam as identidades individuais e coletivas. Para Hooks, a cultura urbana não é apenas uma forma de entretenimento, mas também uma arena onde as negociações de poder, identidade e política ocorrem.

Assim, a autora que estudou arquitetura e considera os espaços urbanos como lugares de desenvolvimento e discriminação racial pois a forma como foram concebidos, em prol de desenvolvimento industrial, patriarcal, hegemonia branca, as cidades são concebidas moldadas a partir de interesses e construídos para manter poderes e limitações de classe e acesso. E o espaço molda as relações e interações, como diz a frase da figura 3 “ Brasília expande a distância entre os corpos”, de forma proposital, colocado no alto de uma via rápida que permanentemente dedicada a carros e não pedestres, mas que nesse dia da foto, a rua estava aberta para as pessoas caminharem. Porém não é sempre e nem em todas as ruas que isso é possível por isso a crítica na frase na falta de lugares de encontro, convívio e aproximação.

Figura 3 - Imagem de Cartaz no Viaduto



Fonte: MAIA, 2018

Considerações Finais

As teorias de Bell Hooks sobre a arte de rua e a cultura urbana oferecem uma abordagem interseccionalmente enriquecedora para a compreensão desses fenômenos complexos. Ela enfatiza como a arte de rua funciona como uma forma de resistência e capacitação para aqueles que enfrentam opressão, permitindo que suas vozes sejam ouvidas de maneira inovadora. Ao explorar a cultura urbana, Hooks desvela as interações dinâmicas entre identidade, poder e espaço nos contextos urbanos contemporâneos. Sua análise crítica continua a ser uma contribuição significativa para os estudos culturais e urbanos, enriquecendo nossa compreensão das complexidades da vida nas cidades e das formas de expressão artística que nelas florescem.

Quando o Coletivo Transverso com suas intervenções rápidas, diretas, poéticas e acessíveis se apresenta no ambiente urbano, o relacionamento interpessoal e as dinâmicas entre os participantes facilitam e favorecem uma sociedade crítica, participativa e que pratica a autonomia para dialogar com espaços hegemônicos e de desigualdade social. Promover a participação e a interação, seja de qualquer tema, aponta para a necessidade

de políticas públicas onde a população se sinta incluída nas decisões e formatos de convivência seja na área de arquitetura, seja na área política, social e cultural.

Dessa forma, as considerações finais aponta que o Coletivo Transverso é um exemplo concreto da busca de artistas criando em conjunto e colocando o público como participante/integrante da obra para mexer com as culturas urbanas e o *status quo* das estruturas cruéis do ambiente cosmopolita hostil e muitas vezes implacável na disseminação de preconceitos, desigualdades, violência e estilo de vida desumano.

As obras do Coletivo Transverso vem nessa contramão apresentando poesias e promovendo a produção artesanal e concreta de expressão de ideias, uma arte, como diria Helio Oiticica, não pára o outro, mas com o outro.

REFERÊNCIAS

BRADLEY, Will; ESCHE, Charles; MESQUITA, André (Org.). **Arte e ativismo**. São Paulo: MASP - Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand: Afterall, 2021.

BRITTO, Ludmila. **Arte colaborativa na cidade**: um estudo de caso dos coletivos: PORO, GIA e OPAVIVARÁ. Tese (Doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

CAMNITZER, Luiz. **Didáctica de la liberación**: arte conceptualista latino-americana. Murcia: Cendeac, 2008. Disponível em: https://issuu.com/ilialicemorales/docs/luis_camnitzer-didactica-de-la-liberacion Acesso em: 15 jan. 2022.

CAMPBELL, Brígida. **Arte para uma cidade sensível**. São Paulo: Invisíveis Produções, 2015.

CANCLINI, Nestor. **Culturas híbridas**. São Paulo: EDUSP, 2019.

CERVETTO, Renata; LOPEZ, Miguel A. (org.). **Agite antes de usar Deslocamentos educativos, sociais e artísticos na América Latina**. SESC, São Paulo, 2018.

HOOKS, Bell. **Teaching to transgress: Education as the practice of freedom**. Routledge, 1994.

HOOKS, Bell. **Art on my mind: visual politics**. The New Press, 1995.

KELLEY JR., Bill; KESTER, G. H. (org.). **Collective situations**: readings in contemporary latin american arte, 1995-2010. Durham and London: Duke University Press, 2017. E-book kindle.

MAIA, Caue; BAGNIEWISK, Patrícia; DEL REY, Patrícia, DAMIAN, Rebeca. **Atenção isto pode ser um poema**. Brasília: Coletivo Transverso, 2018.

MAIA, Cauê. Entrevista cedida em áudio para Leslye Revely dos Santos Arguello. Out 2021. Disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/1hNRsJc1H5xekft9Lqqc2TsqIwJpUBYBT/view?usp=sharing>

Acesso em: 10 jul 2023.

MESQUITA, André. **Insurgências poéticas: arte ativista e ação coletiva**. São Paulo, Annablume, Fapesp, 2011.

OITICICA, Helio. **Aspiro ao grande labirinto**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1986.

PAIM, Claudia. **Táticas de artistas na América Latina: coletivos, iniciativas coletivas e espaços autogestionados**. Porto Alegre: Panorama Crítico, 2012.

PIRES, Ericson. **Cidade ocupada**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.

SILVA, Armando. **Atmosferas Urbanas: grafite, arte pública, nichos estéticos**. SESC

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

STIMSON, Blake; SHOLETTE, Gregory (ed.). **Collectivism after modernism: the art of social imagination after 1945**. Minneapolis, University of Minnesota Press, 2007.

WACHTER, Ellen Mara de. **Co-art: artist on creative collaboration**. New York: Phaidon, 2017.

WISNIK, Guilherme; MARIUTTI, Julio. **Espaço em obra: cidade, arte, arquitetura**. São Paulo: SESC, 2018.